

## ENTRE A VIDA E A MORTE DO AUTOR: O DILEMA DO REVISOR DE TEXTOS

RICHARD WINCKELMANN MOMENTE<sup>1</sup>; MÁRCIA DRESCH<sup>2</sup>;

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – richard.litp@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – dreschm@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa realizar uma reflexão sobre o ofício de revisão de textos e as interferências propostas a esse profissional em livros voltados para a revisão. Pretendemos, com base na conceituação de revisor de textos e de autoria, analisar propostas e considerações feitas por autores de guias de revisão de texto e refletir sobre o seu nível de interferência e as implicações deste para o autor que tem o seu texto revisado. Este trabalho não pretende criticar ou criar um novo guia de revisão, e sim propiciar uma tomada de consciência de revisores de texto quanto à complexidade e à multiplicidade de fenômenos que ocorrem simultaneamente durante a sua prática profissional, os quais normalmente passam desapercebidos.

Em função da ausência de uma legislação que regulamente a profissão de revisor de textos, nota-se hoje em dia uma certa dificuldade em classificar de forma concreta o que compete ou não ao profissional dessa área. De maneira análoga, por se tratar de um trabalho que não envolve apenas a gramática normativa puramente aplicada, e sim uma mistura de gêneros discursivos que são frutos de diferentes necessidades sociocomunicativas, a revisão de textos também possui um caráter inherentemente subjetivo, o que também contribui para a dificuldade de delimitação definitiva da sua prática. Logo, temos a hipótese de que esses dois fatores são responsáveis por dificultar a descrição do fazer profissional da revisão de textos, bem como por gerar conflitos entre autores e revisores; assim sendo, tomar consciência sobre os diferentes processos que compõem a prática de revisão de textos pode auxiliar tanto na compreensão da importância do profissional revisor quanto na colaboração conjunta entre autor e revisor.

Destarte, faz-se necessário consultar como a bibliografia sobre revisão de textos conceitua a prática de revisar. Coelho Neto (2013), em sua obra *Além da Revisão*, situa o revisor de textos dentro do contexto editorial e lista algumas de suas atribuições; Da mesma forma, Malta (2000) faz um guia de revisão comentado, em *Manual do Revisor*, chegando a compará-lo ao profissional copidesque. Ainda que o presente trabalho não seja voltado unicamente aos revisores que trabalham no mercado editorial, esse é atualmente o meio mais organizado e padronizado em que um revisor de textos pode trabalhar. Assim sendo, as atribuições de um revisor de incluem:

- 1) Revisar os originais (ou provas, ou heliográficas, ou fotolitos) aprovados para edição por: editoras, gráficas, agências de publicidade, autores, mestrandos, doutorandos, preparadores de originais de quaisquer instituições, etc.
- 2) Revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais (necessita de um auxiliar, em tais casos). É a chamada revisão técnica.
- 3) Revisar textos a serem publicados na internet.
- 4) Proceder a quantas revisões forem acordadas com o cliente.  
(COELHO NETO, 2013, p.59)

Malta (2000, p.16-17), por sua vez, diferencia a prática da revisão do copidesque:

Aportuguesamento do inglês *copydesk*, já adotado pelo Aurélio há muitos anos, é um trabalho mais difícil e exigente do que o de revisão propriamente dito. Copidesque é — até certo ponto — reescrever, retrabalhar um original. (...) Acima de tudo, uma redação lógica, fluente, entendível deve caracterizar qualquer texto, e este é o trabalho do copidesque.

Se em um primeiro momento o autor compara o revisor ao copidesque — de maneira que dá a entender que os dois não são o mesmo profissional —, em seguida, recorre a outra comparação, que não deixa claro se de fato há uma diferença entre ambos:

Copidesque que escreve de cabo a rabo um livro de um autor brasileiro ou uma tradução está é querendo se evidenciar, mostrar serviço. *Este é um dos problemas do revisor: ele tem de se limitar a sua função.* Tem de contribuir com seus conhecimentos, sua cultura geral ou especializada, claro está, mas não pode mostrar-se um autor frustrado, entrar em conflito com a editora [...]. (MALTA, 2000, p.17, grifo nosso)

Quem é “ele”? Profissional revisor ou profissional copidesque? Coelho Neto, por sua vez, entende o revisor como um profissional que tanto pode fazer revisão como pode fazer copidesque:

É importante, então, que o revisor defina o objeto que está iniciando — se revisão, se copidesque. Se revisão, o revisor deve limitar-se a isso e não se deixar contaminar pela sensação que toma conta da maioria das pessoas que redigem: a insatisfação com o que produziu. (COELHO NETO, 2013, p.106).

Nessas condições, parece haver uma ambiguidade em determinar se copidesque é de fato um profissional diferente daquele da revisão, ou se é uma das possíveis funções de um revisor. Como já afirmado no início deste trabalho, em função da ausência de regulamentação profissional, a confusão com os termos é justificável e esperada. Assim sendo, consideraremos o copidesque como uma possível atividade do revisor: em situações em que o texto necessitar mais do que um apontamento ou uma sugestão, ou ainda em casos em que o autor do texto não possuir o conhecimento linguístico necessário para a adequação do texto, caberá ao revisor reescrevê-lo.

Quanto aos processos nos quais o revisor de textos pode influenciar durante o seu trabalho, focaremos na autoria, noção que tem se mostrado polêmica por muitos séculos. Para conceituar o que se entende por um autor, serão utilizadas teorias de diferentes linhas de pensamento, de modo a construir bases gerais e intrínsecas que o caracterizam e, a partir daí, refletir sobre as interferências do revisor de textos na autoria.

Fiorin (2001), na obra *Astúcias da Enunciação*, traz discussões sobre a existência de um autor implícito (aquele que narra), frente ao autor real (de carne e osso, que vive no mundo real). Citando Booth (1970), afirma que um autor se mascara num narrador em primeira ou terceira pessoa, não sendo esse narrador a pessoa real, mas sim um autor implícito constituído pelo texto. O autor implícito é diferente do real, e “é justamente por criar, com toda a liberdade, uma versão de si mesmo, e ainda pelo fato de que não se tem acesso ao sujeito real senão por aquilo que ele enuncia nas diferentes semióticas que o autor é autor implícito” (FIORIN, 2001, p.63)

Logo, tem-se aqui uma primeira delimitação do que é de fato o autor que aparece em um texto escrito. Vale ressaltar a importância de se reconhecer que o autor explícito só pode ser apreendido pelo que escreve, e essa pode ser considerada uma das principais razões para que o revisor seja cuidadoso em seu trabalho: cada alteração feita no texto significa uma apreensão cada vez menor da pessoa que o escreveu.

Em Bakhtin, encontram-se similaridades com relação à visão de autor na teoria da enunciação. Segundo Faraco (2005), o autor se divide em autor-pessoa (entendido na enunciação como autor explícito) e autor-criador, este último sendo caracterizado como uma função estético-formal que engendra a obra. Logo:

O autor-criador é, assim, quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente. (FARACO, 2005, p.39).

Contudo, há outras teorias que entendem o autor sob uma perspectiva diferente e que passam a primar pela sua extinção. Em um período de crítica ao positivismo e conteudismo correntes na Europa dos anos 60, Roland Barthes postula, em seu ensaio *A Morte do Autor*, sobre a necessidade de apagamento do autor. Assim sendo, o autor não seria propriamente o dono do texto; essa supressão do autor serviria para dar ênfase ao leitor, pois

[...] é a linguagem que fala, e não o autor; reescrever é, através de uma impessoalidade prévia — impossível de alguma vez ser confundida como objetividade castradora do romancista realista —, atingir aquele ponto em que só a linguagem atua, ‘performa’, e não ‘eu’ [...] (BARTHES, 2004, p.58).

A partir de uma teoria mais discursiva, critica-se a perspectiva do “o que o autor quis dizer”, uma vez que “a linguagem conhece um ‘sujeito’ e não uma ‘pessoa’ ”[...] (*ibidem*, p.60), e, assim, o texto passaria a significar por si só para o leitor. Esse entendimento de autoria permitiu que Roland Barthes se situasse entre um dos teóricos mais importantes para o surgimento das teorias da estética da recepção contemporâneas, tornando-se também um dos marcos polêmicos na questão da autoria.

Michel Foucault, por sua vez, apresenta uma concepção restrita de autoria: autor é aquele que funda uma nova discursividade. Em seu texto *O que é um autor?*, apresentado à Sociedade Francesa de Filosofia em 1969, Foucault afirma que surgiram na Europa do século XIX

[...] tipos de autores bastante singulares e que não poderiam ser confundidos nem com os ‘grandes’ autores literários, nem com os autores religiosos canónicos, nem com os fundadores das ciências. Chamemos-lhes então, de uma maneira um pouco arbitrária, ‘fundadores de discursividade’. Estes autores têm isto de particular: não são apenas os autores das suas obras, de seus livros. Eles produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos. (FOUCAULT, 1992, p.58)

Em seu texto, Foucault também menciona e aponta complementos sobre o ensaio *A Morte do Autor*, de Barthes. Segundo ele, apesar de haver um rompimento entre a enunciação e a pessoa que enuncia, é através da chamada “função autor” que podemos reunir diversas obras do mesmo autor; também é por meio dela que um autor se torna socialmente responsável pelo que diz. Tal autor é, então, a partir da reunião de suas obras e de todas as outras que vieram como resposta às suas, um instaurador de discursividade. A “destruição” do autor, apesar de constituir o texto, não impede que essa função discursiva seja o modo pelo qual as obras circulam na sociedade.

## 2. METODOLOGIA

Neste trabalho, pretendemos analisar dois livros que abordam a revisão de textos, os quais foram mencionados na introdução: *Além da Revisão*, de Aristides

Coelho Neto, e *Manual do Revisor*, de Luiz Roberto Malta. Serão levados em consideração os comentários e recomendações feitos pelos autores desses livros no que se refere a como revisores devem revisar seus textos, buscando refletir sobre as possíveis interferências que podem ocorrer na autoria a partir dessas sugestões práticas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente trabalho está em fase de aprofundamento teórico e desenvolvimento das análises dos livros citados. A partir do que foi feito até agora, foi possível notar que não há uma preocupação por parte de Coelho Neto e Malta de trazer para a discussão os gêneros textuais para cada uma das propostas de revisão feitas: discutem-se situações de “erro” gerais, soltos, sem quaisquer contextualização sobre os textos em que se encontram, ainda que se comente sobre a importância do entendimento de diferentes níveis de formalidade. Logo, há muitas sugestões que envolvem a correção de certas ocorrências no texto, marcadas como erros, que na verdade podem ser características de estilo que compõem diferentes gêneros textuais e que podem, se indevidamente corrigidas por um revisor, comprometer a integridade da autoria de um texto. De modo a ilustrar a posição do revisor no que se refere à revisão de textos e à autoria, utilizaremos o esquema ilustrado na Figura 1.

Pretendemos discutir a posição central de que o revisor de textos ocupa: por um lado, depende de uma abordagem conteudista para que possa fazer a revisão, consultando o autor; de outro, trabalha também com a perspectiva do texto publicado, aplicando sua sensibilidade e familiaridade do gênero discursivo em questão para que o texto atinja o seu objetivo social.

### 4. CONCLUSÕES

Esperamos concluir que há, de fato, muitos equívocos que um revisor de textos pode cometer durante a revisão no que se refere à preservação da autoria de um texto, especialmente se o profissional consulta manuais práticos de revisão sem antes refletir sobre o seu trabalho. Esperamos concluir também que é a reflexão sobre o ofício de revisão de textos e a familiaridade com os mais diversos gêneros textuais que permitirá a muitos revisores otimizar o seu trabalho.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2<sup>a</sup> ed., 2004
- COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão**: critérios para a revisão textual. Distrito Federal: Editora Senac-DF, 2013.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e Autoria. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2. Ed., 2005. (p.37-57)
- FIORIN, José Luiz. Da Pessoa. In: \_\_\_\_\_. **As Astúcias da Enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Vega, 3<sup>a</sup> Edição, 1992.
- MALTA, Luiz Roberto S. S. **Manual do Revisor**. São Paulo: WVC Editora, 2000.